

## ÁGUAS E MÁGOAS DO RIO SÃO FRANCISCO

Está secando o velho Chico.  
Está mirrando, está morrendo.  
Já não quer saber de lanchas-ônibus  
nem de chatas e seus empurradores.  
Cansou-se de gaiolas e literatura  
encomiástica e mostra o leite pobre,  
as pedras, as areias desoladas  
onde nenhum minhocão  
ou cachorrinha-d'água,  
cativados a nacos de fumo forte,  
restam para semente  
de contos fabulosos e assustados.

Ei, velho Chico, deixas teus barqueiros  
e barranqueiros na pior?  
Recusas frete em Pirapora  
e ir levando pro Norte as alegrias?  
Negas teus surubins,  
teus mitos e dourados,  
teus postais alucinantes de crepúsculo  
à gula dos turistas?  
Ou é apenas seca de junho-julho  
para descanso  
e volta mais barrenta na explosão  
da chuva gorda?

Já te estranham, meu Chico. Desta vez,  
encolheste demais. O cemitério  
de barcos encalhados se desdobra  
na lama que deixaste. O fio d'água  
(ou lágrimas?) escorre  
entre carcaças novas: é brinquedo  
de curumins, os únicos navios  
que aceitas transportar com desenfado.  
Mulheres quebram pedra  
no pátio ressequido  
que foi teu leite e esboça teu fantasma.

Não escutas, ó Chico, as rezas músicas  
dos fiéis que em procissão  
imploram chuva?  
São amigos que te querem,  
companheiros que carecem  
de teu deslizar sem pressa  
(tão suave que corrias, embora tão artioso  
que muitas vezes tiravas  
a terra de um lado e a punhas  
mais adiante, de moleque).

É gente que vai murchando  
em frente à lavoura morta  
e ao esqueleto do gado,  
por entre portos de lenha  
e comercinhos decrépitos;  
a dura gente sofrida  
que carregas (carregavas)  
no teu lombo de água turva  
mas afinal água santa,  
meu rio, amigo roteiro  
de Pirapora a Juazeiro.  
Responde, Chico, responde!

Não vem resposta de Chico,  
e vai sumindo seu rastro  
como rastro da viola  
se esgarça no vão do vento.  
E na secura da terra  
e no barro que ele deixa  
onde Martius viu seu reino,  
na carranca dos remeiros  
(memória de outras carrancas,  
há muito peças de *living*),  
nas tortas margens que o homem  
não soube retificar  
(não soube ou não quis? paciência),  
de pontes sobre o vazio,  
na negra ausência de verde,  
no sacrifício das árvores  
cortadas, carbonizadas,  
no azul, que virou fumaça,  
nas araras capturadas  
que não mandam mais seus guinchos  
à paisagem de seca  
(onde o tapete de finas gramíneas,  
dos viajantes antigos?),  
no chão deserto, na fome  
dos subnutridos nus,  
não colho qualquer resposta,  
nada fala, nada conta  
das tristuras e renúncias,  
dos desencantos, dos males,  
das ofensas, das rapinas  
que no giro de três séculos  
fazem secar e morrer  
a flor de água de um rio.

**Carlos Drummond de Andrade**

